

**O ESCRITOR MÚLTIPLO NA CENA
CONTEMPORÂNEA:
ESTILHAÇOS NARRATIVOS E DOCÊNCIA EM
"PANDORA", DE ANA PAULA PACHECO**

THE MULTIPLE WRITER IN THE SCENE CONTEMPORANEA:
NARRATIVE SHARPS AND TEACHING IN "PANDORA", BY ANA PAULA PACHECO

EL ESCRITOR MULTIPLE EN LA ESCENA CONTEMPORANEA:
NARRATIVAS Y ENSEÑANZA EN "PANDORA", POR ANA PAULA PACHECO

Ivo Falcão da Silva¹

*Eu vos digo: É necessário ter o caos em si para poder dar à luz uma estrela dançante.
Eu vos digo: tendes ainda um caos dentro de vós. Friedrich Nietzsche, Assim falou Zaratustra.*

*É bom quando nossa consciência sofre grandes ferimentos,
pois isso a torna mais sensível a cada estímulo.
Penso que devemos ler apenas livros que nos ferem, que nos aflige. Kafka, A metamorfose.*

Resumo: O perfil de escritor múltiplo no contexto da contemporaneidade é aquele que agrega as atividades de ficcionista, crítico, docente. Dentro dessa perspectiva, o presente trabalho tem como corpus de análise o livro da professora, intelectual e crítica literária brasileira, Ana Paula Pacheco, intitulado *Pandora* (2023). A trama apresenta em seu primeiro plano, os casamentos insólitos vividos pela personagem Ana, no contexto da pandemia da COVID-19. Nesse sentido, um dos objetivos deste estudo é analisar como a construção narrativa do livro apresenta elementos experimentais (em estilhaços) na sua elaboração, seja pela montagem de referências acerca de temas relativos à literatura ou do trabalho com citações (COMPAGNON, 1996). Além disso, temos como interesse, também, abordar as imagens de docência acionadas no texto, em plano lateral da narrativa, haja vista que a protagonista do romance tem como atividade laboral o exercício da docência universitária. Por meio dos métodos da pesquisa exploratória e de caráter bibliográfico (GIL, 2012), discutiremos a temática da docência por meio da fortuna crítica acerca da obra em análise, além de autores que mobilizem lastro teórico e conceitual para o debate proposto, ratificando os objetivos da investigação.

Palavras-chave: Escritor múltiplo. Contemporaneidade. Docência. Trabalho.

Abstract: The multiple writer profile in the contemporary context is one that combines the activities of fiction writer, critic and teacher. Within this perspective, the present work has as its corpus of analysis the book by Brazilian professor, intellectual and literary critic, Ana Paula Pacheco, entitled *Pandora* (2023). The plot presents, in its foreground, the unusual marriages experienced by the character Ana, in the context of the COVID-19 pandemic. In this sense, one of the objectives of this study is to analyze how the narrative

¹ Doutor em Literatura e Cultura pela Universidade Federal da Bahia. Professor efetivo do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia. Professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Difusão do Conhecimento. ivofalcao@ifba.edu.br. <https://orcid.org/0000-0003-1040-4175>.

construction of the book presents experimental elements (in fragments) in its elaboration, whether by assembling references on themes related to literature or by working with quotations (COMPAGNON, 1996). Furthermore, we are also interested in approaching the images of teaching used in the text, on a lateral level of the narrative, given that the novel's protagonist's work activity is university teaching. Using exploratory and bibliographical research methods (GIL, 2012), we will discuss the topic of teaching through critical analysis of the work under analysis, as well as authors who mobilize theoretical and conceptual support for the proposed debate, ratifying the objectives of the investigation.

Keywords: Multiple writer. Contemporary. Teaching. Work.

Resumen: El perfil de escritor múltiple en el contexto contemporáneo es aquel que combina las actividades de escritor de ficción, crítico y docente. Dentro de esta perspectiva, el presente trabajo tiene como corpus de análisis el libro de la profesora, intelectual y crítica literaria brasileña Ana Paula Pacheco, titulado Pandora (2023). La trama presenta, en primer plano, los insólitos matrimonios vividos por el personaje Ana, en el contexto de la pandemia de COVID-19. En este sentido, uno de los objetivos de este estudio es analizar cómo la construcción narrativa del libro presenta elementos experimentales (en fragmentos) en su elaboración, ya sea reuniendo referencias sobre temas relacionados con la literatura o trabajando con citas (COMPAGNON, 1996). Además, también nos interesa abordar las imágenes de la enseñanza utilizadas en el texto, en un nivel lateral de la narrativa, dado que la actividad laboral de la protagonista de la novela es la docencia universitaria. Utilizando métodos de investigación exploratoria y bibliográfica (GIL, 2012), discutiremos el tema de la enseñanza a través del análisis crítico de la obra objeto de análisis, así como de autores que movilizan apoyo teórico y conceptual para el debate propuesto, ratificando los objetivos de la investigación.

Palabras clave: Escritor múltiple. Contemporáneo. Enseñando. Trabajar.

Introdução

O projeto de pesquisa “O escritor e seus múltiplos: migrações”, do setor de Teoria da Literatura (Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia), desde o ano 2000, dedica-se a investigar as produções textuais de escritores criativos que agregam ao seu trabalho ficcional as atividades de docente, teórico, crítico e intelectual em universidades brasileiras. Ao longo de duas décadas de atividades, diversos autores foram objetos de pesquisa, resultando em artigos, dissertações e teses amplamente divulgados em livros, tais como: *Teoria, crítica e criação literária: o escritor e seus múltiplos*².

O enfoque central da equipe do referido grupo de pesquisa é perceber como o texto literário mobiliza este perfil múltiplo do autor, por meio da sua performance biográfica no texto, terreno em que ele se ficcionaliza, criando “pontes metafóricas entre o fato e a ficção” (SOUZA, 2002, p. 105). Ainda podemos observar como, nos textos teóricos e críticos dos mesmos escritores, é possível criar espaços

² Livro publicado com os artigos das coordenadoras e dos pesquisadores do Grupo de Pesquisa — O escritor e seus múltiplos: migrações, pela editora Civilização Brasileira, em 2019.

para a criação artística ou diálogos com as suas próprias obras ficcionais. Nota-se, portanto, o território amplo e diversificado de pesquisa que se abre dentro dessa perspectiva de estudo, habilitando-nos a pensar que aquilo que chamamos de “perfil múltiplo de escritor” é uma das frentes do híbrido e diverso espaço da contemporaneidade.

Dito isto, ancora-se a presente investigação dentro do espaço dos estudos da teoria literária, literatura comparada e estudos biográficos; e como corpus de investigação, sublinhamos o romance de 2023, *Pandora*, escrito por Ana Paula Pacheco e publicado pela Editora Fósforo. A autora enquadra-se, portanto, dentro do perfil múltiplo de autor, pois ela é professora de teoria literária e literatura comparada da Universidade de São Paulo, desde o ano de 2011, e tem dois livros de ficção em seu currículo: *A casa deles* (2009) e *Ponha-se no seu lugar!* (2020); além do seu livro teórico sobre a obra de Guimarães Rosa: *Lugar do Mito* (2006). Acrescido a isso, a autora apresenta forte envergadura de pesquisa, desenvolvendo estudos sobre o corpo e o trabalho na cultura brasileira atual, abordando diferentes linguagens para a compreensão do tema.

Dadas as informações preambulares necessárias para a apresentação do estudo em tela, temos como objetivo abordar como são construídas as imagens do docente no cenário da contemporaneidade, no livro *Pandora*. Afinal, a personagem protagonista do livro é professora universitária e, no entrecruzamento dos dilemas pessoais, também traz as questões inerentes ao ofício de professor. Além disso, também temos como objetivo investigar o percurso experimental do romance em sua construção (INÁCIO, 2023), haja vista que é uma narrativa que mescla gêneros discursivos e rompe com linearidades temporais.

Por este caminho, o presente estudo tem caráter exploratório, cujo objetivo é: “o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições” (GIL, 2002, p. 41), pois tem como horizonte propor uma discussão acerca de um tema presente na obra de Ana Paula Pacheco, a saber: as modulações da docência, em sua última produção literária, e as suas estratégias híbridas de escrita. Para tal intento, iremos proceder com a pesquisa bibliográfica concernente à proposta, trazendo a fortuna crítica lançada a respeito do livro *Pandora* — objeto de estudo deste artigo —, um escrutínio sobre o mesmo livro em questão e suportes teóricos que dialoguem com a temática, cuja finalidade esteja situada em

construir uma rede dialógica que sustente a discussão empreendida: atrelar docência, contemporaneidade e a escrita múltipla de Ana Paula Pacheco.

Para esta finalidade, o artigo está dividido em duas seções principais: na primeira, denominada de *Mosaico narrativo*, discutiremos como a estrutura composicional da obra sugere uma elaboração com gêneros textuais e formas diversas; já na segunda parte, intitulada de *Trabalho: mal de docente*, investigaremos como a temática do precário e da expressão da dureza se fazem presentes no corpo da narrativa, ao apresentar problemáticas que circundam a vivência professoral na atualidade.

Mosaico narrativo

O mito de Pandora é citado somente uma vez no decorrer da trama de Ana Paula Pacheco³. Tal referência ao mito aparece na busca da narradora por concatenar o nome do seu segundo companheiro de casamento — o Pangolim. É justamente assim, de chofre, que entramos no plano principal da história que gira em torno dos casamentos insólitos da personagem narradora, que adentra nesses relacionamentos no mesmo instante em que o mundo deflagra a pandemia do vírus da COVID-19. O primeiro casamento é com um animal pouco comum em terras brasileiras, mas muito popular na Ásia e na África — o pangolim — mamífero repleto de escamas rijas e com longa cauda, responsável por ser o primeiro agente transmissor do SARC-Cov-2 para humanos no mundo.

E assim, portanto, *Pandora* e sua caixa são abertas para os leitores. Se no mito grego a mulher de Epimeteu comete o ato infrator de abrir o objeto a ela confiado e espalhar os males que assolam o mundo, no romance podemos sentir o clima de desconfiança e do mal assolado, tanto no alastramento da pandemia da COVID-19 quanto nas relações afetivas que são travadas por Ana. Com esse Pangolim, a relação é marcada pelo incômodo, pelo exagero. O animal lhe pega nas pernas e convive com a protagonista como ser parasitário em seu cotidiano. E entre chantagens emocionais e desconfortos, o fim do relacionamento se dá com a morte do animal: “Da morte do meu companheiro nem o diabo vai fazer conta. Retiro esta tarde os ganchos da parede. Depois joga uma

³ Cf. “Talvez ele ache que poupei sua vida por querer, pois se entregou de cara: grudou na minha tibia e no meu perônio com o tronco e os braços. ‘O amor é impagável, baby.’ Falou. Ele falou. Então eu lembrei: pingolim, o nome dele. Quase. Pera. Pinguim misturado com meninim. E com a caixa de Pandora inteira. Pangolim. [...]” (PACHECO, 2023, p.10).

água de cândida em tudo para que nem os objetos se lembrem de alguma coisa” (PACHECO, 2023, p. 25). O ato asséptico é posterior à luta corporal entre os amantes que culmina na trágica morte.

O segundo romance da narradora é com a líder de uma ocupação do centro de São Paulo e faxineira, Alice. É a primeira relação homoafetiva de Ana. O encontro delas acontece momentos antes do início da pandemia e se estabelece no decorrer da quarentena. Mas, mesmo antes de conhecermos o enredo amoroso entre elas, já somos alertados: “Alice está morta, por isso preciso contar o seu fim. A última coisa que matou Alice foi a COVID-19. A primeira foi o trabalho pesado como faxineira, que ferrou com a saúde dela” (PACHECO, 2023, p. 77). A relação entre ambas se baseia no desejo da protagonista de se dedicar a tarefas sociais. Enquanto viveu o romance, ela, a narradora, conheceu as vivências estranhas à sua classe e conseguiu capturar a rudeza da vida daqueles que sobrevivem com pouco e precisam encontrar novas estratégias de sobrevivência quando tragédias se instalam.

O último romance vivenciado pela personagem é com um morcego — outro agente difusor do vírus da COVID-19. Mas não é um morcego qualquer: “Meu morcego tem quase dois metros” (PACHECO, 2023, p. 101). Eles se conheceram em uma balada, quando ocorreu uma flexibilização no distanciamento social. De imediato, o morcego se muda para o apartamento de Ana, com toda a sua família. Núcleo familiar este que se prolifera em profusão, e a esposa/namorada tem de dar conta da higiene da casa e da alimentação de todos eles. É neste processo que o desgaste se inicia, regado à falta de sexo e ao descompromisso com a relação. O final mais uma vez se modula em tragédia: “Na manhã seguinte, quando acordo, a sala cheira a holocausto. Pôs fogo na família, depois em si mesmo. Pilhas de cinzas me tiram a coragem necessária para enfrentar o dia. Preciso dar um jeito em tudo e me refazer” (PACHECO, 2023, p. 115).

Podemos dizer, portanto, que são essas três relações que estruturam a narrativa em *Pandora*. Porém, os fins didáticos, que são necessários para a construção de uma reflexão teórica sobre a obra, não podem deixar transparecer que existe um movimento apolíneo dentro do texto, haja vista que se modula de modo contrário, em cortes, enxertos e em desníveis que deslizam o leitor para pontos de vista caleidoscópicos. Afinal, acoplado a esses três relacionamentos, ainda podemos acompanhar a relação difícil entre a narradora e o seu gato, Felício, e o seu problema em elaborar o curso de uma

disciplina da faculdade. O último ponto citado, da vivência enquanto professora, será explorado com afinco na seção seguinte.

Nesse contexto, seguindo os rastros de leitura crítica feitos por Bruno Inácio para o *Jornal Literário Rascunho*, podemos notar que o adjetivo experimental para o romance da autora: “[...] ganha ainda mais sentido, pois reforça o desejo da protagonista de se desprender de amarras e de fórmulas prontas” (INÁCIO, 2023), e complementa: “Abarca o cotidiano e o fantástico em um só tempo-espço, numa narrativa em que o caos é utilizado como representante da potência e da assertividade” (INÁCIO, 2023). É no caos que a narrativa se organiza, demandando uma leitura que ate fios descontínuos e temas inusitados, colocando o leitor no desconforto que a ambiência narrativa instala desde o seu início.

Do mesmo modo, Roberto Schwarz, na apresentação do livro *Pandora*, já nas linhas iniciais, sinaliza para o caráter experimental do romance, informando que a autora “[...]lança mão do experimentalismo para melhor descrever uma realidade em que os perigos são palpáveis, mas as consequências são compartilhadas de forma igualitária por todos” (SCHWARZ apud PACHECO, 2023). O contemporâneo é aquele tempo incapturável e, em linha reta aos postulados de Giorgio Agambem⁴, pertencer à contemporaneidade está justamente em existir num movimento de adesão e distância, num olhar para as trevas e não para as luzes candentes do tempo. O experimentalismo de Pacheco está posicionado em compreender a vivência da pandemia impossibilitada de uma explicação linear e lógica.

Ainda mais, compreender o nosso tempo e os seus impasses não é possível por meio de um fio narrativo condutor seguro de início, meio e fim. Sobre isso, tragicamente, Byung Chul-Han sinaliza, em *A crise da narração*, que estamos vivenciando de modo intenso o colapso de histórias profundas, que colocam o leitor no centro nervoso de dilemas que são próprios da humanidade e do seu tempo. Na era do uso massivo das redes sociais, as histórias são curtas, frágeis e sempre dispostas para atender cada vez mais aos desígnios do capital que se renova no século XXI. O que Pacheco instala com o seu romance é a angústia de narrar pelo fragmentário e inacabado, posicionando o leitor diante da própria

⁴ Referimo-nos ao ensaio “O que é contemporâneo”, presente no livro *O que é contemporâneo e outros ensaios*, de Giorgio Agamben.

crise por meio da sua linguagem que, tal qual a escamosidade do pangolim ou do mau-cheiro dos morcegos que atolam o apartamento da protagonista, causa um desconforto sufocante.

Ademais, para além da pandemia e dos impasses de narrar no século XXI, outros tópicos abordados pela autora no decorrer da narrativa mostram que estamos numa avalanche de temas e informações, de demandas e questões a serem pensadas em concomitância. Num tempo jocosamente acelerado, sob os moldes neoliberais, em direção à produtividade, numa sociedade do desempenho⁵, o texto revela que não basta falar apenas de amores falidos, de uma docência universitária explorada e decadente, mas sim também do culto ao corpo, ao tratar da ninfoplastia e do capitalismo contemporâneo, por exemplo. Na proposta apresentada por Pacheco, não há como narrar a vida no texto hoje sem vivenciar formas e estruturas alternativas ao romance tradicional. Apostando em uma leitura do romance contemporâneo, Magris (2009, p. 1026) afirma:

Somente um romance que assumisse os problemas científicos, mostrando como os homens vivem o mundo desagregado, poderia e pode alcançar o sentido da realidade e de sua dissolução imitada, mas também obtida e dominada por intermédio das mesmas formas experimentais do narrar, da desagregação e recriação das estruturas narrativas.

Para o autor, por meio da experimentação de outras formas de estruturar o romance, será possível se aproximar das movimentações da contemporaneidade. Dentre as estratégias tomadas por Ana Paula Pacheco, dentro das descontinuidades e borrões de ordem temporal do seu texto, encontramos o uso de gêneros discursivos diversificados na montagem de *Pandora*.

Em determinado momento da narrativa, por exemplo, recorre-se ao gênero textual diário para narrar o processo de transmutação que uma espécie de ave passa no curso de sua existência. Para contar este mecanismo de transmutação, no capítulo “Sísifo com asas”, esta mesma ave inicia sua narrativa diária em busca de uma urgente renovação. Negando-se aos paliativos estéticos que lhes foram dispostos, coloca em xeque as suas questões existenciais: “Os descompassos entre o desejo de juventude, o medo das agulhas, o risco de deformação, a beleza de antigamente, a piscadela da eternidade, dão-me a sensação de que é preciso pensar sobre a vida” (PACHECO, 2023, p. 118). O corpo da ave inicia o processo de “renovação natural”, começando por se bicar e seguir com a retirada de todas as penas em

⁵ A sociedade do desempenho é uma reflexão empreendida por Byung Chul-Han, em seu livro *Sociedade Paliativa*.

movimento gradual. Após esse processo, segue-se a mutilação do bico. O diário, que é iniciado no dia 1º de fevereiro de 2020, termina no dia 28 de setembro, na vontade de proceder com reinícios: “Recomeço, pensando como será quando tudo terminar. O dia final. O único que realmente importa. [...] Mal posso esperar para dançar até as asas se despregarem.” (PACHECO, 2023, p. 125). O penúltimo capítulo do livro trata das possibilidades de se reviver, força potente de mudança. Ana não aparece nas linhas do diário do pássaro, mas ela pode estar presente no desejo de mudar, de se recriar.

No jogo de gêneros discursivos posicionados na trama de Ana Paula Pacheco, encontramos no primeiro capítulo: “Segundo casamento: Pangolim” e “Formação: um céu por abismo”, uma estrutura enumerativa para compor a gradação dos fatos que vão sendo narrados. No primeiro capítulo referenciado, essa estrutura é usada para expor a deterioração do enlace com o animal. Já no segundo, a progressão de números nos conduz a uma sequência de quadros da memória para narrar as experiências de infância da narradora. Tendo o psiquiatra “Barba Branca” como interlocutor, ela vai contando as experiências traumáticas vividas na escola, na família e com o seu primeiro amor: “A partir da sexta-feira até mesmo o nome de W tinha sumido das listas de chamada. Guardei o bilhetinho de amor em letra cursiva como prova concreta de sua existência” (PACHECO, 2023, p. 58). Nestas sequências enumeradas somos apresentados a uma versão da narradora, em descontinuidade temporal.

O projeto narrativo de escrita de Ana Paula Pacheco nos conduz para o “[...] o decisivo descentramento do sujeito e, coextensivamente, a valorização dos ‘microrrelatos’, o deslocamento do ponto de mira onisciente e ordenador em benefício da pluralidade de vozes, da hibridização, da mistura irreverente de cânones, retóricas, paradigmas e estilos” (ARFUCH, 2010, p. 17). Os dois exemplos supracitados, para ilustrar os jogos discursivos presentes em Pandora, não são únicos, pois ainda podemos encontrar a presença de contos, planos de disciplina, questionários e ensaios. A impulsão do romance está em promover a condensação de possibilidades textuais diversas em prol da narrativa.

Ao pensarmos que a autora Ana Paula Pacheco exerce a função de professora, não podemos deixar de considerar em que medida os movimentos procedidos no seu romance dialogam com a sua

vivência de intelectual e de docente. Apostamos na hipótese de que o livro coloca em cena, de modo performático, questões que também atravessam as reflexões contemporâneas que atingem os estudiosos do campo da literatura. O constructo do romance é a realização dessa compreensão do romance e do mundo fragmentário como possibilidade também de autorreflexão teórica de Pacheco. A pista que nos direciona para este caminho nos faz deslizar para a produção teórica de Pacheco, mais especificamente para o artigo *Fascismo e natureza: imagens desconcertantes da pedagogia de Sr. Keuner*. Nessa discussão, a autora coloca o foco de debate nas relações entre natureza e capitalismo nas *Histórias do Sr. Keuner*, de Bertold Brecht. Em determinado momento de sua análise, explicita:

No conjunto de seus procedimentos — com lugar de destaque para o giro de perspectivas, a quebra da concatenação, a conclusão inesperada, o salto sobre a causalidade —, as Histórias reafirmam concretamente o caráter modificável de tudo, convidando à organização do pensamento (PACHECO, 2021, 2016).

Ora, a mirada lançada por Pacheco considera a obra de Brecht marcada por descontinuidades, e a gestualidade do Sr. K. reflete o movimento do próprio romance — em giro de perspectivas. Qual informação o procedimento analítico do artigo nos permite associar à posição docente performada em *Pandora*? A construção do texto, por arroubos de irregularidades sequenciais do pensamento narrativista, coloca o experimentalismo da sua teoria em sua produção ficcional. Além disso, outros pontos podem ser apontados, a exemplo das referências feitas ao longo da trama sobre mitos, tal como os analisados por ela em sua tese de doutoramento: *Mito e processo social em Primeiras Estórias*.

Não é possível tratar as movimentações da professora Ana Paula Pacheco no seu romance de maneira causal e apaziguada. O que existe é uma agitação tectônica no texto ficcional, cuja respiração nos dá indícios da docente e das questões que são caras aos estudos literários contemporâneos, mas sem obviedades diretas, em jogo. O movimento do discurso biográfico no romance nos é dado pelo discurso da narradora para o psiquiatra, que diz: “Uma biografia é sempre inventada, eu digo, mas ele não liga. Não importa, a imaginação é sempre sua” (PACHECO, 2023, p. 43). Os biografemas da autora/professora serão sempre inventados no texto ficcional, até mesmo na coincidência dos nomes: Ana — autora; Ana — personagem.

Trabalho: mal de docente

Silviano Santiago, em *Epílogo em primeira pessoa: eu e as galinhas d'angola*, afirma que os escritores estão “[...] acometidos pelo mal de docente que ronda, infecta e prostra o artista pós-moderno” (SANTIAGO, 2004, p. 246). Quando Santiago faz tal afirmação, fala desse autor que precisa estar também na universidade para poder conseguir lastrear de modo mais seguro a sua carreira profissional. Mas aqui tomamos esse “mal de docente” em dupla via: a primeira diz respeito a Ana Paula Pacheco, autora, que está situada nesse paradigma enunciado por Santiago, por atuar como ficcionista e professora; em segundo plano, extrapolamos tal visão para pensar que ser docente está sendo um mal a ser vivido e alvejado no contexto da contemporaneidade, o que também é desenhado em obras ficcionais hodiernas.

A protagonista Ana, de *Pandora*, já é apresentada no primeiro capítulo do livro como sendo professora e vivendo os dilemas concernentes ao trabalho docente em meio ao casamento com o Pangolim: “Sou professora, ganho mal, e tinha raspado a poupança por causa de uma internação covídica” (PACHECO, 2023, p. 10). O cenário é trágico para a professora, haja vista que estava vivendo um casamento novo e estranho, presa em um apartamento no auge da pandemia. Além disso, existia a tensão que girava em torno da sua atuação profissional, pois vivia os impasses gerados à classe nesse contexto de manter os planos de aula em ordem, de gravar aulas, entrar ao vivo em chamadas por aplicativos digitais e ainda ter de lidar com todas as movimentações emocionais e afetivas que a vida nos solicita. Constatamos no início do romance o quanto a docência e a vida se imbricam na vivência da personagem de modo caótico e com dor: “Cuido das plantas, das tarefas diárias e das aulas, não é pouca coisa” (PACHECO, 2023, p. 15). O momento narrado pela personagem traz à tona o contexto que engloba os atritos experimentados entre o ato de amar, de viver a crise no casamento com um animal que a expropria e, ainda, o fato de ter de mobilizar estratégias mirabolantes para permanecer com as suas atividades acadêmicas.

Com o avanço da narrativa, Ana começa a trazer os movimentos de flexibilização que foram trazidos pelo retorno ao trabalho presencial, na cadência de amenização do vírus em seu processo de transmissão, mas isso não é construído pelo signo da realização e da criação idílica, justamente é feito o contrário:

Quando acordar, a realidade continuará lá. Sorrindo como quem não quer nada, você atravessa o corredor do prédio de Letras. Mais ou menos transparente, a depender do ângulo. Ainda é você. Seu cérebro transparente pode pensar. Não custa nada, nem um pão a mais. Os alunos são carinhosos. Profe. Prô. Você pode até sorrir, não quer dizer nada. Deve ser efeito das drogas. A transparência também. As aulas acontecem por uma pequena abertura na porta, rente ao chão. Não precisam mais ser on-line. Você se agacha, deita de lado e fala sobre as questões da Lírica. (PACHECO, 2023, p. 27).

A experiência narrada de experimentar novamente o trabalho é ritmada pela impossibilidade de pausas. De modo irônico, a narradora ministra a aula se esgueirando pela porta, observando tudo pela fresta. A narrativa, ao trazer elementos constitutivos da profissão, não se abstém de colocar em cena o trabalho de maneira crua e direta, sem elementos idílicos e romantizados. A degradação vivida pela personagem em sua vida pessoal é acompanhada também pela sua experiência diante da vida laboral. Tal constatação pode ser observada de modo mais intenso quando sua vida íntima é socialmente vista como estranha — por se relacionar com animais, por exemplo. Isto se torna uma preocupação diante do ambiente acadêmico, temendo levar um processo administrativo. Em uma das cenas, em que amigas sugerem uma visita na pandemia para comemorar o seu aniversário, as névoas que assolam o trabalho aparecem e a narradora afirma: “Uma delas ia querer aproveitar a ocasião para perguntar sobre as últimas notícias do meu curriculum lattes: o caso com Alice, o site pornô, o processo administrativo na universidade” (PACHECO, 2023, p. 30).

Em movimento paralelo, Ana é acoçada pelo seu chefe de Departamento para entregar os planos das suas disciplinas concluídos. A vida e o trabalho são interpelados constantemente nas experiências da narradora. No momento em que as suas crises existenciais, afetivas e relacionais são colocadas em xeque, os problemas enfrentados no contexto do trabalho aparecem como catalisadores da crise. E nos processos de tentativas de reerguimento, expõe: “Hoje recomeço. Em primeiro lugar, decidi encarar a obrigação de escrever o programa e as aulas. Não fica bem para uma professora concursada cagar regras por aí e não prestar contas a si mesma” (PACHECO, 2023, p. 31). Mas, mesmo assim, o coordenador da pós aparece ainda como uma espécie de personificação das cobranças, principalmente por pressupor as críticas que poderia receber com relação aos seus programas, e estas aparecem na fala do chefe: “Primeiro me perguntou se aquilo era uma piada. Depois se disse preocupado com a minha saúde. Estamos todes exaustes etc. etc” (PACHECO, 2023, p. 42). Após

se negar a reformular o programa, recebe como resposta: “Ele se irritou, soltou um ‘faça-me o favor’ e bateu o telefone na minha cara” (PACHECO, 2023, p. 42).

Colocar o trabalho no eixo possível de execução é uma tarefa que persiste em ser cumprida, de maneira às vezes irrefletida, como algo que prioritariamente precisa somente ser concluído. Prazos, cumprimento de metas, datas acirradas do calendário se configuram como se fosse um espelhamento do processo neoliberal que assola as práticas de trabalho na educação superior. Em outros momentos, a reflexão se aprofunda nos jogos de sobrevivência nas tramas da educação, afinal: “O prazo para entregar o programa de pós é segunda-feira. Uma coisa é certa: melhor garantir o emprego. Já dei aulas no ensino privado e sei o quanto o osso é mais duro de roer” (PACHECO, 2023, p. 32). Por essa condição, a narradora vive entre o impasse de compreensão das regras do jogo, às quais precisa se submeter, e o ato de perceber o quanto elas são, também, injustas. Neste sentido, é importante realçar a decisão tomada pela narradora para construir, na pedagogia de seu inconformismo, a ensinança para ser ativa em sua sala de aula:

Resolvo aproveitar o ensejo do curso de pós-graduação para tratar de um tema que considero caro ao materialismo: as relações entre dinheiro, subjetividade e forma literária. Planejo o seguinte: três blocos centrais sobre investimentos; em torno deles, seminários, discussões, close reading e teoria da literatura. Os alunos de Letras são no geral muito pobres, mais uma razão para debatermos nos cursos os assuntos contemporâneos. Começarei perguntando-lhes se acreditam haver relações entre investimento pessoal e investimento financeiro. Muitos não conseguem nem almoçar nem almoçar sem o tíquete do bandeirão. Desse ponto de vista, qualquer teoria é uma viagem (PACHECO, 2023, p. 32).

A teoria da literatura entra em cena para trazer uma temática importante para os estudantes vulneráveis, na perspectiva da narradora: o dinheiro e as relações referentes ao crescimento pessoal. Ao colocar o tema da relação entre dinheiro, capital e literatura, o que está sendo posto em questão na ensinança de Ana é: os problemas que o capitalismo aciona estão presentes em diferentes lugares, contextos e posições.

A literatura entra nesta trama como sendo um veneno/remédio — instrumento de contaminação e saúde —, ao trazer pautas importantes para serem pensadas como relevantes para o contexto social. Por este caminho, estabelecemos diálogo direto com *A farmácia de Platão*, de Jacques Derrida, pois, com a postura tomada pela narradora e professora, por meio da proliferação dos problemas

instaurados com o poder e o dinheiro, a literatura é posicionada como um instrumento de cura ao motivar compreensões mais profundas acerca destas temáticas, mesmo que tenham clivagens permeadas de dor.

Vai ser por esse caminho, levando em consideração a montagem do seu programa de curso, que a narradora vai detalhar a sua ideia por meio de um “Planejamento docente”, intercalado na trama como um gênero discursivo, entre as páginas 34 e 35. Tal planejamento é introduzido com o cabeçalho que nomeia o programa no qual a personagem leciona, como: Curso de Pós-Graduação em Ciência da Literatura. Os principais tópicos tomados como importantes por ela giram em torno dos seguintes vocábulos: mercado, dinheiro e depressão. O texto ainda apresenta seus objetivos, justificativas e tópicos programáticos com o tema em destaque: **“PERCURSOS RECENTES DA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA: A LITERATURA É UM INVESTIMENTO PESSOAL?”** (PACHECO, 2023, p. 34)⁶.

Não podemos deixar passar incólume os deslizamentos presentes no trecho do livro, pois tal plano de disciplina nos leva para a produção docente de Ana Paula Pacheco, na sua atuação universitária. Em documento disponível no site da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da USP, é possível encontrar o planejamento da escritora/professora para a disciplina Literatura Comparada II, cuja temática gira em torno do trabalho e do dinheiro em interlocução com a literatura, sob o corolário do seguinte tema: “Representações do trabalho em experiências recentes da prosa e do cinema brasileiros”. Além disso, em artigo publicado pela *Revista Boitempo*, em 2023, Pacheco publica o texto *Macunaíma estuda o dinheiro*, que segue por essa mesma linha temática. Não é à toa, portanto, que, no programa de curso incluído em *Pandora*, um dos tópicos programáticos disponíveis para a discussão, o tópico 5, seja nomeado como “‘Investimentos na Bolsa de Valores, de Macunaíma aos dias atuais’. Estratégias culturais e gerenciamento da escrita” (PACHECO, 2023, p. 35). Ora, esses trânsitos entre vida e obra endossam a importância da temática do trabalho, do capital e da literatura na poética de Ana Paula Pacheco.

Até mesmo na construção da personagem protagonista da trama, percebemos a introdução deste debate sobre o trabalho de modo significativo. Sem dúvidas, os amores e os afetos são carros-chefes

⁶ A citação preservou a passagem a tipografia do trecho citado no romance: maiúsculas e negrito.

do romance, porém, através do escrutínio da obra a que estamos procedendo, é possível observar os temas trabalho, dinheiro, docência e cansaço sendo abordados por meio de contornos realistas. Tanto é que, ainda no esforço da personagem para construir o seu programa de curso, encontramos anexado ao romance um conto intitulado: *Touro — na alta* e, sucedido a ele: “Questões iniciais, sugeridas para o debate de *Touro na alta*”. O conto é introduzido na obra com o objetivo de modular as amostras literárias que seriam trabalhadas pela protagonista, junto com os tópicos planejados para serem trazidos para a discussão em sala de aula. Mas este conto, em especial, manifesta um aspecto importante, pois ele levanta a questão do capitalismo feroz, retomando a imagem da escultura do touro, plantada no Bowling Green Park, distrito financeiro de Wall Street, em Manhattan — Estados Unidos, e o quanto tal imagem traz a representação da audácia do capitalismo na América.

O conto traz a narradora em primeira pessoa sendo perscrutada pelo animal e sendo atacada por ele, colocando-a rastejante embaixo dele. Neste átimo, a narradora busca estratégias para sobreviver diante do ataque, até mesmo fingindo a morte para ludibriar o animal em ferocidade extrema. Mas, ainda assim, lança-se em tomar o animal pelos chifres, enfrenta-o, porém a movimentação do contra-ataque dele é inevitável: “A cabeça recua junto com o corpo, num falso passo atrás; o peso inteiro encontra-se praticamente sobre as patas traseiras, inclusive o meu peso somado aos chifres — então, num movimento de baixo para cima, ele investe com toda a força” (PACHECO, 2023, p. 37). O movimento do touro é de uma linha curva ascendente e a palavra “investe”, concernente ao campo lexical do mercado financeiro, leva-nos à representação da força e potência do capital e do dinheiro perante a narradora. Tal força é tamanha que “O desenho é de uma parábola empurrando o céu. Nesse momento já não posso mais me segurar aos chifres” (PACHECO, 2023, p. 37). Ainda que não possua meios para vencer o touro, sucumbida ao chão, estabelece movimentos de luta vãs, pois o animal não morre, resiste a qualquer investida.

O conto apresenta, portanto, a proposição de ideia para o curso a ser ministrado, trazendo, de modo alegórico, como o capital financeiro exerce uma força extrema na sociedade, agente agressivo e indomável, bicho-mito perene, imortal. Na página seguinte do conto, as questões aparecem em sequência didática, para o debate sobre ele com os alunos. O trabalho de Ana como professora mobiliza aspectos a serem pontuados que flertam com a ironia, tal como o item “A” das suas questões:

“De que maneira o texto une os fundamentos da Lírica — apresentando uma subjetividade cujo estado perceptivo e expressivo tende a suturar a separação entre ‘eu’ e ‘outro’, ou entre ‘eu’ e ‘mundo’ — aos de um poema épico, vocacionado a apreender dimensões coletivas de existência?” (PACHECO, 2023, p. 38). As discussões concernentes ao campo da Teoria da Literatura, colocadas por Ana Paula Pacheco, performatizam as posições da professora de Literatura e a necessidade de construir tópicos complexos que instiguem a produção de conhecimento. É diante do rebuscamento das questões que a ironia aparece para colocar no centro os lugares e expectativas para o professor universitário.

Ainda como material de debate da disciplina, sucede outro conto no romance, ainda em diálogo com o tema do Planejamento de Curso e com o texto *Touro —na alta: agora o conto Urso na Baixa*. Na breve narrativa, há a exposição do comportamento do urso em suas individualidades: a caça e seus golpes para angariar alimento para a sobrevivência dialogam com a forma de golpe do animal diante da sua presa, como pode ser visto no trecho a seguir: “De cima para baixo, a patada deve ser contumaz para forçar a queda” (PACHECO, 2023, p. 40). O movimento da parábola, agora, é em curvatura descendente. A ideia de atitude, ação, força e acúmulo de energia permanecem no debate deste segundo conto. Seguindo a mesma metodologia do primeiro texto, o conto é acompanhado das questões para serem debatidas na sala de aula e, dentre elas, as questões “A” e “B” chamam especial atenção: “A) Se a autora do texto afirma haver relação alegórica entre a imagem do urso, seus movimentos de ataque e os investimentos na baixa das ações, devemos acreditar nela?” (PACHECO, 2023, p. 41). E acrescenta: “B) A estrutura do texto traz para o urso preocupações de cunho humanista, neoliberal?” (PACHECO, 2023, p. 41). Tanto nas questões apresentadas quanto nos tópicos propostos para discussão, o enfoque é trazer o debate do mundo financeiro e do dinheiro por meio dos movimentos ferozes de animais. O mundo que é atravessado por capital interfere diretamente na vida da personagem, seja por meio do arremesso ao chão pelo touro, seja pela imagem do golpe em arremesso para cima sugerido pelo urso. Tal como as oscilações da bolsa de valores, a vida é afetada pelos abalos da vida cadenciada por prazos e metas em busca por dinheiro.

É por este caminho que os textos literários dialogam com a proposição de semestre letivo da professora — tratar de investimentos financeiros e pessoais — temática que é arremessada para a vida

de Ana, selada por meio da exaustão e da falta do ar que a pandemia trouxe de modo biológico e metafórico. As motivações para o cansaço da protagonista são de fundos multivetoriais. Resguardando o recorte temático dado a esta seção do artigo, no romance em estudo, a narradora aciona em seu texto polifônico aspectos de sua vida profissional, suas cobranças e exigências, o que vem a ser um ponto de debate fundamental para o contexto da contemporaneidade, para as relações de trabalho e para a posição do docente dentro deste cenário: o limite do cansaço.

Byung-Chul Han vem dedicando boa parte de sua produção teórico-filosófica para compreender os posicionamentos da sociedade contemporânea diante dos seus próprios dilemas, sejam aqueles movidos por questões relacionadas às tecnologias ou até mesmo pelas novas configurações do mundo do trabalho. No seu livro *Sociedade do cansaço*, por exemplo, ele argumenta sobre o quanto encarar a negatividade foi sendo considerado como prejudicial, em nosso corpo social, diante do constante desejo de positividade. O estímulo constante a esse polo positivo tem por trás vontades de poder, motivadas por colocar o sujeito em prontidão, em atividade, cumprindo prazos. Não obstante, na análise de Han, vai ser justamente este percurso que está construindo uma sociedade do desempenho, a mesma sociedade que culminará tragicamente ao fim em uma sociedade do cansaço:

O sujeito de desempenho esgotado, depressivo está, de certo modo, desgastado consigo mesmo. Está cansado, esgotado de si mesmo, de lutar consigo mesmo. Totalmente incapaz de sair de si, estar lá fora, de confiar no outro, no mundo, fica se remoendo, o que paradoxalmente acaba levando a autoerosão e ao esvaziamento. (HAN, 2017, p. 91).

No decorrer do romance, os processos negativos vivenciados por Ana são confrontados pela personagem sob a mediação da dor, sem fugas. O baixio das suas experiências é colocado ao limite e desafiado em busca do seu bem-viver, mesmo que este *modus operandi* de vida se module durante toda a obra como extemporâneo e fugaz. Ainda no que se refere às dores, Han, no texto *Sociedade Paliativa*: a dor hoje, apresenta, como tese central, a constante busca por experiências de fuga e anestesia dentro da sociedade contemporânea. Para o autor, “A sociedade paliativa coincide com a sociedade do desempenho. A dor é vista como um sinal de fraqueza. Ela é algo que deve ser ocultado ou ser eliminado por meio da otimização” (HAN, 2021, p. 13-14). O “analgésico do presente”

colocou a sociedade avessa à experiência de sofrimento, o que, para o autor, em alguma medida, faz com que se perca o potencial de criticidade e se perca da “verdade”.

O romance *Pandora* é uma escuridão espinhosa durante todo o seu enredo. No recorte deste estudo, relacionado ao trabalho e à docência, somos apresentados a várias cenas que englobam essa relação. Posterior ao problema enfrentado pela personagem do livro junto ao coordenador do curso de Pós-Graduação, o texto nos apresenta de modo mais detido o relacionamento de Ana com Alice, líder da Ocupação São João, no centro de São Paulo: “Ali ela comandava muita coisa, organizando a comunidade de mais de oitenta famílias sem teto: cozinha, ateliê de costura, faxina, lixo, evento de música aos domingos” (PACHECO, 2023, p. 79). O desejo de viver novas experiências sociais e afetuosas leva a protagonista para este espaço distinto daquele comumente vivido por ela, uma mulher branca e de classe média, e o seu principal desejo era: “[...] militar em alguma ocupação dando oficinas de literatura. Tinha apartamento, carro automático, emprego na universidade. Ela tinha o corpo do qual eu precisava naquele momento” (PACHECO, 2023, p. 80).

A força motivadora de construir um espaço pedagógico não-formal de aprendizagem dentro da Ocupação vai sendo modificada no fluxo do romance por dois adventos centrais: a paixão por Alice e, em segundo, pela instalação da pandemia. Quando o coronavírus se alastra na vida de Ana, o cenário do qual estava íntima era, justamente, o da Ocupação. Como sabemos, espaços como aquele eram diletos para que o vírus se fortalecesse e prejudicasse ainda mais os moradores, já em extrema carência. Daí é que, por meio de reuniões, encontros e a vontade de amar Alice de todas as formas possíveis, surge a ideia de garantir a sobrevivência dos moradores que ali estavam alocados, num momento em que o trabalho e o sustento se tornavam ainda mais escassos no Brasil. A solução empreendida? Criar um site pornográfico.

Por meio deste site, os corpos eram colocados de modo virtual dentro da plataforma, para que fossem comprados por usuários em isolamento. A questão que aparecia nesse momento para Ana era: “— Ainda não entendi por que você precisa de mim para fazer esse negócio, Alice. Eu sou professora de literatura” (PACHECO, 2023, p. 85). Porém, a ideia era justamente introduzir as competências linguísticas e literárias de Ana no processo de construção do site, a saber: colocar a narração de trechos de passagens literárias no vídeo pornográfico. Depois de chamar uma aluna, a Carol, para dar suporte,

em sigilo, na plataforma de sexo, inicia seu trabalho de professora e sócia de Alice: “Separei para começar alguns livros da Hilda Hilst, do Waly Salomão, do Piva, do Safo, do Marquês, do Boccaccio. A Carol teve a ideia de setorizar os fetiches e depois encontrar o melhor texto para harmonizar com cada um, como vinho e comida em restaurante bunda-mole” (PACHECO, 2023, p. 89). Nesse momento de elaboração, entram várias questões próprias das discussões da literatura contemporânea: ghost writer, autoficção, lugar do texto literário.

Num ambiente atípico, aspectos relacionados ao ético dentro do texto criativo fundem-se em profusão com o desejo de Ana fazer dar certo a proposta, não somente para ajudar às famílias, ainda mais vulneráveis, da Ocupação, mas também para fazer com que Alice se sentisse acompanhada, valorizada e amada. O site começa a dar certo e o esperado retorno financeiro aparece como sendo a saída para os problemas daquele espaço no contexto da pandemia. Os corpos nus, sexualizados, recebiam sempre o selo narrativo da professora universitária, como na cena descrita a seguir: “Filmamos o tal vídeo piloto com Alice nua galopando um cavalo imaginário, enquanto eu narrava, destruindo com adaptações interessadas, o conto ‘O novo advogado’, de Franz Kafka. A Carol vibrou. Alice galopava e em seguida virava, ela mesma, uma égua. Uma verdadeira metamorfose” (PACHECO, 2023, p. 94). Os referenciais literários e a biblioteca de autores de Ana são acionados em uma profusão de devires para a satisfação dos “voyeurs” e das sócias do empreendimento.

Mas a tragédia se anuncia com a contaminação de Alice, de Ana e a morte da faxineira pela COVID-19. O projeto idealizado pela protagonista entra em ruínas no mesmo movimento em que o vírus sucumbiu várias vidas pelo mundo. A proposta de colocar a literatura em diálogo com a vida, com a sociedade, servindo como pontes de sobrevivência, mesmo com um gosto duvidoso e repleto de vontades individuais, entra em crise, é dilacerada. A produção de um espaço de docência como foi produzido por Ana traz indícios da maneira como as imagens de docência são processadas em *Pandora* — de modo múltiplo e de formas despadronizadas.

No romance, a presença de citações a textos literários (mobilizados pela narradora em seu discurso) coloca-nos diante de um painel de citações costuradas, cuja finalidade é mobilizar a verossimilhança. Além disso, tal procedimento se constitui, também, como uma pedagogia, isto é, as vozes dos livros, passagens, referências e remissões levam à construção de aprendizados, perquirições, dúvidas (para a

própria narradora na trama, mas também para os leitores) — principal objetivo do profissional da docência. Nas cenas finais do livro, arrematando o último casamento da narradora com um morcego, somos colocados diante de dois blocos de citações dentro da obra: um conjunto de textos referenciados que dialogam com o tema do vampiro e o epílogo final, com a presença de um ensaio crítico.

Através do enlace com um grande morcego, a protagonista começa a elencar, no capítulo “Terceiro casamento”, uma série de produções artísticas que mobilizaram a figura do vampiro em suas produções: *Nosferatu*, *O gato preto*, *O filho de Frankenstein*, *Frankenstein encontra o lobisomem*, *Sangue para Drácula*, dentre outros. Neste sentido, Antoine Compagnon, em *O trabalho da citação*, pontua:

Trabalho a citação como uma matéria que existe dentro de mim; e, ocupando-me, ela me trabalha; não que eu esteja cheio de citações ou seja atormentado por elas, mas elas me perturbam e me provocam, deslocam uma força, pelo menos a do meu punho, colocam em jogo uma energia - são as definições do trabalho em física ou do trabalho físico. Da citação, mascataria e tecelagem, sou a mão-de-obra (COMPAGNON, 1996, p. 45).

A presença de outros autores na obra através do recurso do diálogo com outras obras manifesta tanto a fala balizada de uma narradora professora universitária de Teoria da Literatura, quanto nos leva também ao encontro da Ana Paula Pacheco — que articula seu universo de leituras no movimento da obra. Procedimento similar é encontrado no capítulo final da obra, quando uma voz ensaística assume a tessitura do texto para encerrá-lo. O capítulo “Epílogo: o Batman dos Balcãs” aposta no tom ensaístico para discutir sobre Boiko Borisov, conhecido no campo político desta maneira por ter sido bombeiro, instrutor policial e guarda-costas. A sua história é modulada pela entrega da Bulgária a empresas privadas e, no período da pandemia, sofreu com as mortes elevadas em virtude do desempenho do vírus no país. Além disso, sua história ainda apresenta alinhavos com casos de corrupção.

Ao longo da narrativa, a protagonista não se pune em trazer o desconforto diante do governo brasileiro que esteve à frente da gestão pandêmica. As críticas se alinham neste epílogo, quando personagens análogos — o presidente do Brasil e o premiê búlgaro — se intercomunicam no traçado

final da obra. O discurso que se insurge é o teórico, a voz intelectual desconfortável com o rumo dos países no contexto de 2020, historicamente trágico pelas mortes de um vírus mortal.

Considerações finais

Diante do exposto, podemos afirmar que o romance de Ana Paula Pacheco - *Pandora* - tem como proposta central o movimento de experimentar novas formas para o romance no contexto da contemporaneidade. Tal procedimento pode ser percebido pelas descontinuidades temporais sem linearidade progressiva dos fatos e por incorporar diferentes gêneros textuais ao longo da trama, tais como: planos de aula, diário e um pequeno ensaio. Ao lado disso, podemos notar que a construção da docência por meio da personagem protagonista ocorre pelo princípio da crítica, haja vista que a sua vivência narrada no ensino remoto presencial apresenta as agruras da profissão, sem emoldurar a atividade docente como sendo abnegada.

Portanto, o presente texto apresenta uma leitura adicional para a fortuna crítica do romance de Pacheco, agregando discussões acerca do painel que compõe a diversidade da literatura brasileira contemporânea. Existe um desafio ao lidar com obras contemporâneas, haja vista que tanto as críticas, como outras produções literárias estão sendo produzidas em processo. Porém, mapeá-las é um exercício importante para buscar compreender a produção da literatura hodierna. A obra de Ana Paula Pacheco em tela modula-se, portanto, como um significativo exemplo de obra que exercita um modelo que irrompe o romance moderno, instalando-o como significativa amostra da produção literária contemporânea do Brasil.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Tradução de Vinicius Nicastro Honesco. Chapecó, SC: Argos, 2009.
- ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Tradução de Paloma Vidal. Rio de Janeiro: Eduerj, 2010.
- COMPAGNON, Antoine. *O trabalho da citação*. Tradução: Cleonice P. B. Mourão. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1996.
- DERRIDA, Jacques. *A farmácia de Platão*. Tradução: Rogério da Costa. São Paulo: Editora Iluminuras, 1997.

- HAN, Byung-Chul. *Sociedade Paliativa*. Tradução: Lucas Machado. 1ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2021.
- HAN, Byung-Chul. *Sociedade do Cansaço*. Tradução: Enio Paulo Giachini. 2ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2017.
- HOISEL, Evelina. *Teoria, crítica e criação literária: o escritor e seus múltiplos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.
- GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- INÁCIO, Bruno. Caixas do cotidiano pandêmico. In: *Rascunho: jornal de literatura do Brasil*. 281 ed. Minas Gerais, set. 2023. Disponível em: <https://rascunho.com.br/ensaios-e-resenhas/caixas-do-cotidiano-pandemico/>. Acesso em: 20 mar. 2024.
- MAGRIS, Claudio. O romance é concebível sem o mundo moderno?. In: MORETTI, Franco (Org.). *A cultura do romance*. São Paulo: Cosac Naify, 2009. p. 1013-1028.
- PACHECO, Ana Paula. Macunaíma estuda o dinheiro. In: *Revista Boitempo*. São Paulo. n. 40. 2023.
- PACHECO, Ana Paula. *Pandora*. São Paulo: Fósforo, 2023.
- PACHECO, Ana Paula. Fascismo e natureza: imagens desconcertantes da pedagogia do Sr. Keuner. In: *Terceira Margem*. v. 25. n. 45. 2021. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/tm/article/view/42518>. Acesso em: 12 fev. 2024.
- SANTIAGO, Silviano. Epílogo em 1ª pessoa: eu & as galinhas-d'angola. In: *O cosmopolitismo do pobre*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004. p. 242-252.
- SCHWARZ, Roberto. [Orelha do livro]. In: PACHECO, Ana Paula. *Pandora*. São Paulo: Fósforo, 2023.
- SOUZA, Eneida Maria de. Notas sobre a crítica biográfica. In: *Crítica cult*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002, p. 112-135.

Recebido em: 30/3/2024

Aprovado em: 21/5/2024